

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
 FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
 BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
 NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
 NÚMERO AVULSO 20 RS. C/ 100 RS. NO BRAZIL.
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NÚMERO 7.

Aveiro

CLERICALISMO E PULHISMO

O predomínio longo do clericalismo, como n'um livro precioso demonstrou Yves Guyot, tem sido a torpeza moral, a torpeza intellectual e a torpeza physica. «Mentira no céo, tyrannia na terra, paganismo e escravidão, tal é o estado em que se encontra ainda hoje a reacção ultramontana» escreveu Edgar Quinet com todo o valor do seu nobilissimo espirito e com toda a auctoridade do seu grande nome.

Torpeza moral pelo ascetismo degenerando no deboche, pela dissolução dos costumes, pelo odio da carne, pelo desprezo da mulher na familia e no lar. Torpeza intellectual pelas allucinações mysticas que produziram o odio da sciencia, do bello e do bem. Torpeza physica pelas degenerescencias animaes, que o dr. Delaunay tão magistralmente indica e desenvolve no seu livro—*A Physiologia do Devoto*.

Os conventos, escreve Michelet, são casas de correcção e de doidos fóra da alçada da justiça. Foram e são, accrescentaremos nós, bordeis publicos, onde o vicio chegou aos ultimos requintes. Alli se formou e desenvolveu, d'alli irradiou para toda a parte a sciencia do deboche, que nunca chegou a tamanho desenvolvimento como nos periodos aureos do monasticismo.

Um dos documentos mais famosos que ultimamente se descobriram é sem duvida o *Diario d'Eude Rigaud*, arcebispo de Rouen. Esse homem percorreu durante vinte e um annos o seu arcebispado e foi escrevendo singelamente o que via, sem lhe accrescentar ou diminuir cousa alguma. Assim formou um volume in-4.º de perto de 900 paginas!

Nos pequenos limites d'este artigo é-nos impossivel fazer largos extractos do livro do arcebispo. Entretanto, citemos sempre algumas passagens para ligarmos os tempos antigos aos tempos actuaes, a fim de que os leitores vejam a intima harmonia que ha entre uns e os outros e que os protagonistas são sempre os mesmos e as scenas sempre identicas.

O arcebispo queixa-se de encontrar os frades a jogar a bola e os dados em lugar de os encontrar a resar matinas. Todos tinham dividas e nenhum jejuava. Comiam carne e bebiam vinho de Normandia a ponto de apanharem indigestões e bebedeiras tremendas. Frequentavam assiduamente as tabernas e casas de jogo. Ao convento iam as freiras com muita frequencia!

Em cada pagina do livro encontra-se a nota — *infamatus de incontinentia*. Os curas tinham pé-dissêques, nome dado ás creadas que muitas vezes eram suas primas e suas irmãs. Tambem tinham filhos que viviam com elles. Eram quasi todos polygamos; as

suas concubinas batiam-se nas ruas e levavam-nos a elles a jogar o pau nas tabernas.

Nos conventos de mulheres, as freiras levavam a mesma vida e, diz Rigaud com uma simplicidade adoravel, *fazião filhos!* O arcebispo, segundo Guyot que desfia o livro que seguimos n'esta resenha, nota-lhes os nomes dos amantes como homem cuidadoso. Quiz tomar providencias energicas, prohibir-lhes que recebessem seculares, mas, por desgraça, a maior parte dos amantes eram ecclesiasticos!!

Humilharam-se. lançaram-se aos pés do arcebispo Rigaud, pedindo perdão, porém o mesmo arcebispo confessa que pouco depois *voltára tudo á antiga*.

O cardeal Jacques de Vitry escreve:—«as mulheres debochadas sollicitam com descaro o amor dos frades. Para estes é uma honra ter concubinas e não põem escrupulo em lhes sahir dos braços para irem dizer missa.» O escandalo chegou a um ponto extraordinario. A fim de o diminuir os frades trataram de enganar a natureza e cahiram com desafôro no vicio horrivel da sodomia. Leão IX escreve a esse respeito e faz distincções subtis entre as varias fórmãs da sodomia, condemnando umas e absolvendo outras!

Entre os templarios, a devassidão chegou a excessos em que o decoro publico nos impede de falar. E' lér o processo que acarretou a sua queda, que n'elle se encontrarão extraordinarias confissões dos vicios em que aquellos homens guerreiros se atolavam. O seu proprio regulamento determinava que os novos cavalleiros fossem beijados *in parte inferiori in fine spine dorsi*. Talvez por aqui se expliquem os seus gostos sensuaes.

Quando se reuniu o concilio de Constança (1414-1418) para reformar a Igreja, queimar João Huss e depôr tres papas, os prelados que o compunham foram seguidos por 30:000 prostitutas. E' estupendo!

Petrarcha dizia dos costumes ecclesiasticos de Avignon: «Não ha nada capaz d'igualar a lascivia dos cardeaes e dos prelados. Não quero falar das violações de mulheres, dos raptos, dos incestos, dos adulterios porque tudo isso é um brinquedo para a sensualidade papal.»

A immoralidade foi crescendo e só começou a declinar com os conventos nos principios d'este seculo. Os bordeis publicos espalharam-se por fóрма assustadora. Em Paris occupavam vinte ruas inteiras e dez largos. O pontifice Sixto IV admittiu as meretrizes em Roma mediante o pagamento d'um *julio* (moeda) por cabeça, o que lhe dava o rendimento annual de 20:000 ducados! O que elle queria era dinheiro e por conseguinte não o incommodava a immoralidade publica, nem o numero espantoso d'essas mulheres que chegou a 40:000 na *cidade santa*, tantas como hoje tem Paris apesar da capital franceza ter uma população cem vezes

maior do que tinha Roma n'esse tempo!!

A raça foi definhando, gasta por prazeres excessivos e doenças contagiosas. Essas doenças espalharam-se por tal fóрма, que se converteram n'uma verdadeira epidemia.

Não se respeitava cousa alguma:—nem a santidade conjugal, nem a pudicicia da mulher, nem a virgindade da rapariga. O papa trocava todos os peccados, perdoadando-os, por moedas d'ouro. Marcou preço fixo á absolvição dos incestos e dos adulterios.

Os grandes agentes do catholicismo eram os grandes devassos, os grandes miseraveis. Catherine de Médicis, que envergonhou o seu sexo com torpezas licenciosas, foi a promotora da horrivel matança de Saint-Barthélemy. Luiz XIV, que arrastou pela lama a pureza do lar com a Montespán, a Vallière, a Maintenon e tantas outras, foi o feroz perseguidor dos protestantes. Luiz XV, o bom catholico, tinha no *Parc-aux-Cerfs* um viveiro de creanças que lhe matassem os vicios indecentes. Os fidelissimos de cá, Affonso VI, Pedro II e João V foram uns devassos a toda a prova, exploradores das bellezas dos conventos, amantes das proprias irmãs, das proprias cunhadas.

Emfim, até ao findar do seculo desoito a orgia moral provocada pelo clericalismo foi a nota mais dissoluta que a historia terá de registar, depois das scenas do imperio romano, na vida das sociedades atravez dos seculos.

Com o triumpho da revolução deteve-se essa onda de lama, essa corrente de torpezas. Caso notavel, onde a liberdade domina, onde o fanatismo decaia, restabelece-se a moralidade dos costumes e firma-se o respeito social! Foi assim na republica romana; assim tem succedido em todos os paizes democratas e livres. A moralidade publica está na razão inversa do despotismo politico e do despotismo religioso. Se este sobe, aquella desce; se este desce, aquella sobe. Folheai a historia e tereis a confirmação plena d'este facto.

Foi no imperio romano que se atigou á intolerancia pagã, a idolatria religiosa, ao par e passo que a torpeza moral e a dissolução dos costumes tocavam o ultimo requinte da infancia. Da mesma fóрма que na França dilecta da Igreja, na Hespanha catholica e no Portugal beato a podridão dos costumes cresceu, os mais profundos ultrages ao decoro publico, os mais negros insultos á santidade da familia foram vibrados, no cumulo do poder religioso e da força da auctoridade real.

Essa corrente de torpezas, essa onda de lama abrandou com o triumpho da revolução, como iammos dizendo. Já José Estevão dizia «hoje diz-se que a civilização moderna tem corrompido os costumes: pois eu gosto muito mais da corrupção d'estes tempos de agora, do que das virtudes do tempo passado.» E dizia uma gran-

de verdade. Tanto, que mesmo nos tempos modernos a corrupção ficou encarnada nos elementos clericæes.

A onda de torpezas abrandou porque o clericalismo abateu. Da o antigo apogeu á Igreja e o mar de lama passará por cima de nós com furia mais brava que nunca. Porque a questão é inicial, porque a gangrena está na origem. «O odio do corpo, escreve Guyot, tem por resultado directo o adulterio. A hypocrisia entra no leito nupcial e ahi fica. A grande historia dos costumes clericæes é a historia do adulterio com todas as suas paixões, com todas as suas violencias cheias de hypocrisia, os seus crimes, os seus assassinos e os seus ridiculos.»

Não só o adulterio. A prostituição em todas as suas fórmãs, hypocrisia sim, dissimulada, mas por isso mais perigosa e mais torpe. «Porque o celibato, segundo Michelet, produz uma actividade inquieta na espionagem, nas intrigas e negocios caseiros, uma especie d'asperidade de caçador, uma subtilidade escolastica. Exalta os sentidos, inclinados á fraqueza, e não entenece o coração. Os celibatarios comprehendem a mulher como amante; não a comprehendem como esposa e mãe.»

Grandissima verdade, magnifica sentença de mestre! O celibatario não comprehende a mulher como esposa e mãe. E por isso o padre só a comprehende como amante! O celibato exalta os sentidos, inclinados á fraqueza, e não entenece o coração. E por isso os padres, indifferentes á dor dos maridos e dos paes, e arrastados pela fatalidade da natureza, seduzem as esposas e seduzem as filhas. E por isso nos institutos religiosos, nos conventos, se dão actualmente as mesmas scenas que se davam na idade media e nos ultimos seculos.

O celibato, eis o cancro d'origem, eis o vicio inicial do clericalismo. A natureza arrasta o padre, que preso pelos votos solemnes que proferiu, banido da especie por uma lei estúpida, vai procurar no adulterio, na sedução das raparigas, á sombra da sua missão de conforto e paz, e sob a capa da hypocrisia e da astucia que se lhe tornam indispensaveis, a satisfação dos seus instinctos animaes.

Eis porque o padre se torna um perigo no seio das familias. Eis porque o predomínio do clericalismo é o maior elemento da dissolução dos costumes e da ruina da moralidade. Eis porque os institutos religiosos, as ordens monasticas, os conventos, são os mais numerosos exercitos e os peiores antros de prostituição. Eis porque nós vamos encontrar n'esses casos do hospicio de S. Patricio, no recolhimento da Bandeirinha e das Aguas Ferreas, no collegio de S. Domingos de Bemfica, no convento do Caminho Novo, em tantos que os nossos supplementos tem referido, as mesmas scenas que encontrámos nos tempos antigos.

A moral do clericalismo cifra-se n'isto:—São milhares de homens, que não podendo exercer o casamento, descem a todas as torpezas para satisfazer as suas necessidades animaes. São milhares de homens, que, postos entre a lei canonica que lhes prohibe o que ha de mais puro nas sociedades, e as attracções factas da especie, ou entre os affectos e o amor da familia, que Roma lhes nega, e o crime para que são arrastados, não visam senão a esconder este por mil hypocrisias e astucias, por mil meios seguros da impunidade, meios em que figuram os conventos e os recolhimentos de mulheres, cerrados ao publico e á lei civil, em primeira fila e primeira plana. São milhares de homens, que, pelas circumstancias excepcionalmente odiosas em que se encontram, só poderiam ser supportados pela humanidade á custa da transigencia e da conciliação com todos os defeitos, com todos os peccados e com todas as fraquezas da especie. D'ahi essas subtilidades, esses probabilismos, esses perdões de tudo e por tudo em troca de certos valores, essa moral verdadeiramente infame mas verdadeiramente astuta, tão bem definida desde Paschal até Paulo Bert.

Eis o que é o clericalismo e o que vale a sua religião e a sua moral.

Se o encararmos pelo lado da tyrannia, não ha outra tão horrosa e tão horripilante. Não é preciso excavar-mos as scenas horribes da inquisição. Hoje temos os mesmos factos e as mesmas manifestações. E' uma questão de fóрма. D'antes era a tortura do corpo de preferencia á tortura do espirito. E por isso o jesuitismo vivia mais nos seus conventos que no seio da familia. Hoje é a tortura do espirito em substituição da tortura do corpo. E por isso depois da Revolução o jesuitismo passou a este trabalho de sapa, que vai exercendo para ahi. Prohibido nos seus exercicios de potro e autos de fé, empolgou a educação das creanças, a direcção mental das mulheres, onde a tyrannia é maior, o effeito mais certo, o veneno mais corrosivo e portanto de resultados mais funestos e fundos.

Tyrannicos, são verdadeiramente tyrannicos! E ainda aqui o celibato nos vem explicar a tyrannia e ainda aqui são appropriadas as palavras de Michelet:

«Para que o padre pudesse aconselhar a familia era necessario que elle a conhecesse. Que, casado ou viuvo, maduro d'idade e d'experiencia, tendo amado, tendo sentido, esclarecido pelos affectos domesticos sobre os mysterios da vida moral que nunca se adivinham, tivesse ao mesmo tempo mais sapiencia e mais coração. O homem sem mulher e sem filhos poderia estudar dez mil annos, em livros e no mundo, os mysterios da familia, que ficaria sem saber uma palavra. O que eu lastimo mais no homem condemnado ao celibato, não é

só a privação das mais doces alegrias da alma, mas é que mil objectos do mundo natural e moral são e serão para elle letra morta. O celibato produz uma especie d'aspereza de caçador. Exalta os sentidos e não enternece o coração. Todos os nossos terroristas do seculo XV e do seculo XVI foram frades. As prisiones monasticas foram sempre as mais cruéis. Uma vida systematicamente negativa, uma vida de morte, desenvolve no homem instinctos hostis á vida.»

E aqui Michelet espraia-se em considerações sobre os conventos. «Eu só conheço uma differença entre as casas de correcção, os hospitaes de doidos e os conventos. E é—que a justiça vigia as casas de correcção, a policia os hospitaes de doidos, enquanto que policia e justiça não osam entrar dentro dos conventos.» E cita mil casos de tortura, de violencia, de horrorosa tyrannia. Mas para que encher espaço com elles? Não os leram os leitores, e succedidos em Portugal, nos nossos supplementos? Não viram a fereza com que *manos e manos* tratam as pobres raparigas nos recolhimentos do paiz e a crueldade com que recebem os paes e as mães?

Tambem é velho e de longa data o preceito das filhas desprezarem e abandonarem os paes. Já S. Bernardo dizia, no dialogo entre o bom christão e seus paes:

«O que ha de commun entre vós e eu? O que me deste, senão a infelicidade e o peccado? Sé reconhecço como vosso este corpo corruptivel. Não vos basta, miseraveis, ter-me lançado ao meio das desgraças d'este mundo? De me ter feito peccador pelos vossos proprios peccados?... Se encontrareis teu pae estendido na soleira da porta; se tua mãe, de seios descobertos, te mostrar os peitos que te alimentaram; se, te mostrar nos braços teu filho ainda creança; calca aos pés teu pae e tua mãe, passa adiante, e sem verter uma lagrima vó para o estandarte da cruz.»

Vê-se que esta doutrina cruel e infame ainda hoje é rigorosamente observada. Ah! o provou de sobejo a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães e outras muitas conhecidas.

De facto, é esse um dos mais torpes ardis do clericalismo. O mysticismo é puramente um grau de loucura que Letourneau, entre outros, define e explica na sua *Physiologia das Paixões*. A mulher é um ente essencialmente imaginoso e sensitivo. Mas é innato no seu coração o amor da creança, a dedicação da familia. Emquanto a mulher amar a creança e a mãe o padre não lucta com ella. Qual é, então, o primeiro trabalho clerical? Apagar essa ternura do espirito pelo abuso das faculdades imaginativas. E a Igreja tem fartos recursos para isso. Nem visa a outra coisa com as suas homilias, os seus canticos, o seu incenso, as suas variadas seducções. Tudo isso fala ao espirito da mulher. Tudo isso se coaduna com a sua sensibilidade nervosa. E chocado na astucia e na hypocrisia jesuitica produz o mysticismo, o delirio religioso, que é a mentira de Deus, porque é um dos graus de loucura mais lamentaveis e tristes. E então, hysterica, allucinada, desvairada, a mulher não conhece senão a exaltação que a guia. Nem pae, nem mãe, nem familia. Torna-se mais aspera, mais cruel e mais embrutecida que a besta fera.

A filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães foi um d'estes exemplares scientificos que Letourneau, Maudsley, Bordier e outros perfeitamente escarpellam e definem.

De tudo se depreheende e conclue que o clericalismo é o primeiro elemento de desordem e a causa principal da decadencia e

ruina dos paizes, em que domine. Parasitismo ou exploração economica; desorganisação da familia; tyrannia religiosa e tyrannia politica; enfraquecimento e degenerescencia das raças; neurose individual e neurose social; taes são os fructos do predomínio d'essa collectividade lamminha, de que os paizes da raça latina soffrem os infelizes resultados. Os paizes que se libertaram da sua funesta influencia, como a Inglaterra, progrediram e cresceram em poderio, em riqueza e em civilisação. Os que lhe ficaram escravos submissos por mais largo espaço de tempo, e os que lhe soffreram o despotismo com mais evangelica paciencia, como Portugal e a Hespanha, ainda hoje permanecem no marasmo e no somnambulismo que tanto os tem arruinado.

«Em nenhum d'elles encontramos, escreve Guyot, aquella solidariedade da mulher e do homem, essa virtude que faz a força da Inglaterra, levando a mulher a seguir seu marido a toda a parte e por toda a parte, ao clima mortifero da India ou ás solidões da Australia.

«Mentira no céo, tyrannia na terra, escravidão e paganismo.»

A todos importa repellir-o em nome da patria, da humanidade e da familia.

Continuaremos.

VIVA O SR. CAPITÃO!

Diz-se que o sr. capitão vae mandar querellar o *Povo de Aveiro*. Bravo, bravo, sr. capitão! Assim é que é dar-lhe. Ou dizer as coisas ou prova-las. E o sr. capitão vae nos dar ensejo a provar-lhe em pleno tribunal, nas sessões mais interessantes de que haja memoria em Aveiro, que é o maior gatuno e o maior alicantineiro que tem surgido no paiz, a começar na famosa historia da Maria das Belotas, a continuar na celeberrima historia d'umas letras em que o sr. governador civil de Aveiro negou a sua assignatura, n'outras historias de cahiques de sal encomendados aos negociantes da Figueira, n'outras dezenas de historias d'essa natureza, centenas de calotes e por fim os direitos subtrahidos á nação.

O sr. capitão, pelo amor de Deus, mande querellar!

Emfim, o papel do sr. capitão tambem quer que se processem os oradores do comicio por terem atacado... a religião do estado.

O sr. capitão, se entra n'esse caminho nós enguemos-lhe uma estatua! Para a frente, sr. capitão, que v. s.ª não pôde perder o prestigio perante os seus subordinados.

Viva o sr. capitão, que vae querellar!

Dizem-nos que nas aldeias visinhas se promove uma representação a favor das irmãs da caridade. Falta-nos hoje o espaço para falar d'esse novo artil dos ciganos. Mas querem desde já uma curiosidade? Ellaahi vae:—O testa de ferro da tal representação é o irmão da abbadessa do convento de Sá que entregou as cinco educandas ao seu favorito padre Beirão. Este facto, que é mais um insulto, demonstra como os agentes do governo estão em Aveiro encarnadas no jesuitismo. Para elle chamamos as attentções da imprensa liberal do paiz.

CHICOTADAS

O sr. irmão que já foi mezarario, isto é, o reverendissimo sr. tenente da reverendissima sr.ª companhia de malandros, diz que ficaram sem resposta as suas considerações sobre os successos do hospital. Quaes considerações, homem, qual cabaça? Babozeiras, homem, babozeiras! E babozeiras repetidas com vezes, visto que

vossa mercê não tem feito mais que dizer na segunda carta, terceira, quarta e quinta o que disse na primeira e o que dirá em todas. Babozeiras, homem, e essas foram aqui apontadas uma a uma depois de serem todas destruidas pelo senso publico. E para não o seguirmos no seu papel pouco agradável de tocador de realejo, só lhe diremos por hoje, e outra vez:

1.º Escusa de manchar e poluir o nome de Deus. Todo o mundo conhece a nossa religião da virtude e do bem e todo o mundo sabe a religião dos maneis *furminos*, dos fernalos cegos e dos maneis ceguinhos. Como todo o mundo conhece a santa religião moral do sr. tenente da companhia dos malandros, que nem os seus mais intimos parentes poupou e as cinzas de quem se disse tão admirador e amigo. Descance, que não lhe falaremos n'isso por miudos. Mas tenha vergonha. Mas não seja cynico alvar. Não esteja a accusar de inimigos de Deus quem pratica a verdadeira religião. Não julgue que especula por essa forma com as crengas do povo, que, por ser bom e sincero, manda para o diabo a religião da companhia dos malandros, se a religião de que se dizem apóstolos são fervorosos e zeladores é a religião do roubo, da gatunice, da pouca vergonha, da devassidão, da deshonra das familias, que todos os dias os malandros exercem e praticam.

Já te conhecem, amigo de Peniche!

2.º Escusa o sr. tenente e amigo de Peniche de estar para ali com lóas de economia e boa ordem no hospital. Já se lhe disse que não eram precisas as irmãs da caridade para que tal economia se realisasse. Mas suppondo mesmo que assim fosse, ha economias que, por serem des-honrosas e infames, são mais caras que todas as despesas. E senão, voltem a remir a dinheiro os assassinos, os roubos, os adulterios, todos os crimes, como faziam os papas em tempos que lá vão, e o clericalismo todo. Ah, que se podera ser, o Manuel Firmão enriquecia!

Importam em 1485000 réis annuaes as economias que as irmãs da caridade nos trouxeram? Mas por 1185000 réis cospe-se a memoria de José Estevão? Mas por 1185000 réis põe-se em risco o socego e a tranquillidade de centenas de familias? Mas por réis 1185000 fica remido o peccado da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães? Infames!

3.º Cada vez são mais ridiculas as lóas d'economias, quando se sabe que a companhia dos malandros roubou dezenas de contos aos contribuintes e dissolveu n'outro dia o asylo José Estevão, já para continuar as offensas á memoria d'este grande vulto, já para anichar favoritas e enunchos á custa do povo. Arre, malandros!

4.º Escusa de procurar com as suas intrujices indispor os seus adversarios serios com os outros. Não ha colligacões nem pactos entre ninguém. Ha o accordo moral, instinctivo e honesto, entre todos os homens d'esta terra, que prezam um pouco o decóro da cidade e a moralidade publica, contra a porca ciganagem que nos avilta e deshonra. Já se lhe disse que não ha aqui questões de grupos nem de partidos. Já se lhe disse que não é ao partido progressista que se declarou guerra de morte, partido que conta caracteres respeitaveis e homens honrados. Isto é uma questão patriótica, uma questão de brio para a cidade de Aveiro, que não pôde manchar as suas tradições, nem affrontar a memoria dos seus grandes homens. É uma batida em forma á quadrilha de salteadores mais ordinaria e reles nos seus processos pelintras, que se conhece na historia suja de toda a malandragem. Nada mais, nada menos.

VERGONHA DE CIGANOS

No *Campo das Provincias*, vulgo sentina da Vera Cruz, li-se, sob o titulo — *A Verdade Historica*, a 27 de junho do corrente ann., um artigo indecente no qual se pretendia justificar plenamente a fuga das cinco educandas do convento de Sá e o attentado barbaço da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães. Já dias antes a mesma sentina, no mesmo infame proposito, n'um cheiro fetido dizia á gente que Antonio Augusto estava doido quando escreveu as cartas que publicámos.

Ora querem vêr mais uma vez até onde chega a vergonha dos ciganos immundos? Vejam.

Campo das Provincias n.º 1898 de 20 de novembro de 1899:

«Na correspondencia de Lisboa para o *Comercio do Porto* lê-se o seguinte, com data de 17 do corrente:

«Fallava-se hoje muito em um facto digno de aspera censura.

Dizia-se que algumas meninas que estavam em um convento em Aveiro; fugiram d'alli para Lisboa, induzidas por um padre, e que pretendem dirigir-se a Paris, a fim de tomarem o habito d'irmãs da caridade.

Uma d'essas meninas é filha de um advogado distincto, e sobriaba de um dos nossos mais notaveis homens publicos, fallecido ha cinco annos, e que todos ainda pranteiam.

Sabe-se que todas as providencias estão tomadas a fim de se tirar do poder do sacerdote aquellas meninas, procedendo-se energicamente contra elle.

Parece que tambem a policia vae fazer a abbadessa do convento responsavel pela fuga das meninas entregues á sua vigilancia e cuidado.

El este facto realmente muito para lamentar e oxalá que das providencias tomadas se tire resultado.»

E em 18 accrescentava o mesmo correspondente:

«Disse nontem que tres meninas que estavam em um convento em Aveiro haviam fugido para Lisboa para casa de um padre, que as induzira para irem tomar o habito d'irmãs de caridade em Paris, e que a policia procedia convenientemente.

Effectivamente fizeram-se todas as diligencias que o caso pedia e descobriu-se que não eram só tres as meninas dispostas a abandonar a sua familia e a sua patria, illudidas pelos conselhos e sugestões do padre mas sim nove!

Os passaportes já estavam passados, porém ainda foi possível evitar que elles sahisses da respectiva repartição do governo civil.

Já se levantou o competente auto e tomaram-se todas as medidas a fim de evitar coacção de especie alguma sobre o animo fraco e inexperiente das nove meninas.

A proposito vem dizer, que ouvi que ha dias tinham sahido oito meninas tambem induzidas pelo mesmo padre a irem tomar o habito de irmãs da caridade em Paris.

O pae de uma d'aquellas nove meninas a quem acima me refiro adoeceu de desgosto, e está bastante mal. Considera elle a maior desgraça que acaba de lhe succeder.»

Foi bem informado o correspondente. Deu-se a fuga do convento de Sá de cinco educandas ao anoitecer do dia 16. Dirigiram-se ellas á estação do caminho de ferro d'esta cidade, e tomando logares no comboio do correio em direcção á capital. Foram sós e a medo, pois se occultavam a todas as vistas diligenciando por não serem reconhecidas.

Acto algum legal precedeu aquella digressão e por isso cha-

mamos fuga á sahida de cinco meninas, que por sugestões de quem lhes devia melhor conselho, abandonaram o asylo em que suas familias as haviam depositado, confiadas de que alli, ao abrigo da religião, ninguém tramaría contra ellas, respeitando a tradição do mosteiro, respeitando os deveres sociaes, e os vinculos que prendiam as incautas moças aos que até faziam sacrificio para as conservarem alli, entregues á direcção das sr.ªs professoras, que habitam aquella casa.

Espalhará-se dias antes o boato na cidade, de que algumas educandas se achavam dispostas a deixar o convento, a fim de irem para França alistar-se na milicia de Vicente de Paulo. Poucos acreditaram na veracidade da noticia, que quasi todos attribuiram a simples desejo. Dizia-se mais, que um missionario havia sugerido aquellas idéas no mosteiro, illudindo assim as inexperientes, que facilmente acreditaram em promessas fallazes.

Mas consumou-se a obra, vingou a traça, as lindas pombas aguardaram pelas treras para desferirem o vôo, abandonam o ninho em que tinham pas-ado dias de completo socego, trocaram a paz do recolhimento pelo bulicio do mundo, pelo estrondear das paixões que iam rugir em volta d'ellas apenas penetrassem na zona luminosa que as atraia de longe.

Esta fuga, preparada com tamanha antecipaçào, condemna irremissivelmente a direcção d'aquella casa religiosa, e faz sentir a necessidade de haver um procedimento qualquer, para que taes factos não se repitam. E' com sentimento que o dizemos, mas a falta é grande e as consequencias podem ser fataes. As familias que collocaram suas filhas ao abrigo d'aquellas abobadas sagradas tem o direito de perguntar ás religiosas:

«Que fizestes dos penhores caros que vos confiámos? A vida tranquilla e contemplativa, deu em revoltas, que ferem o direito paterno violando o recinto consagrado á religião e ao estudo? O que é feito da auctoridade, que vos arrogastes quando quizemos metter ali as nossas filhas? Então exigistes-nos as licenças do prelado, obrigastes-nos a pagar as propinas dos conventos alem da caução pelo sustento e vestuario. E agora, insurgistes-vos contra todos os preceitos estabelecidos, alterastes a regra, e deixastes fugir cinco donzellas, que promettestes guardar dentro de vossa casa, souhestes d'ella, e não empregastes os meios para impedir a execuçào? Tambem agora nos vos impomos a responsabilidade, responsabilidade tremenda, de que não poderá absolver-vos a idade e os achaques do corpo.

Esse brado angustioso desperta ecco em todos os corações generosos, e faz ver a necessidade que ha em collocar aquella casa religiosa ao abrigo de novas sedicões, que exauctoram o seu governo interno, e depõem contra os seus mentores espirituaes.

O facto pois tem muita gravidade e exige promptas providencias. Chamamos sobre elle muito especialmente a attenção do illustre prelado diocesano e do nobre ministro da justiça. Confiemos em que as providencias se não farão esperar, dando-se satisfacção plena á opinião.»

Que grandes pulhas! Que grandes malandros! O que elles dizem e o que elles dizem! Arre, pulhas. Que tão pulhas nunca os houve.

No domingo verão mais. Que ha mais e ha melhor.

Arre, pulhas. Arre, malandros!

O padrea, que prégou o sermão na capella de S. João, declara que fez muito bem em se referir no pulpito ás questões que se agitam na terra e que acabavam de ser ventiladas no concilio.

Pois, seu padrea, no domingo lhe ensinaremos a rezar o padre nosso com mais sapiencia. E então verá que faz muito mal.

EXCAVANDO...

Agora leiam isto, que bem merece ler-se. Campeão das Provincias n.º 1053 de 2 de agosto de 1862:

LIBELLO

Em libello accusatorio contra o réu José Estevam Coelho de Magalhães, diz a opinião publica pelo seu organo de Aveiro o Campeão das Provincias.

E. S. N.

- 1.º Que o réu recebe desde longos annos o ordenado de lente da escola polytechnica sem funcionar.
2.º Que egualmente tem recebido o soldo de official do exercito sem fazer serviço desde longo tempo.
3.º Que n'essa qualidade tem subido postos até tenente coronel com grave prejuizo dos seus camaradas.
4.º Que tendo sido um dos mais decididos tribunos do partido setembrista, trahiou os seus amigos politicos em 1851, passando com armas e bagagens para o campo em que se achava o duque de Saldanha que tinha, ainda ha pouco, metralhado em Torres Vedras as legiões populares.
5.º Que n'essas circumstancias, e em muitas outras se aliou ao partido anti-dynastico, pedindo-lhe de chapau na mão o auxilio eleitoral, sem o qual não sahiria deputado; e por isso
6.º Que, quando se discutiu na camara a questão do ensino, deu um testemunho publico de ingratitude, entalhando despresos na frente d'aquelles, a quem de joelhos pedira um beneficio.
7.º Que, pelo facto de prestar um apoio cego ao duque de Saldanha, incorreu egualmente na responsabilidade das desfeitas, que então se fizeram ao sr. D. Fernando; e por isso
8.º Que as barretadas que actualmente faz á dynastia reinante são serodias, e não o absolvem da alludida responsabilidade.
9.º Que tendo por muitos annos sido proprietario do jornal a Revolução, e redigindo-o na companhia do escriptor do Spectro incorreu por isso na responsabilidade de tudo quanto n'aquellas duas folhas se escreveu contra os membros da actual dynastia, e contra o actual presidente do conselho; e por isso
10.º Que tendo vendido a Revolução, e tendo-se passado com armas e bagagens para os historicos, a nova alliança importa uma traição, e uma apostasia, sendo egualmente uma baixaza os cumprimentos adulatorios que todos os dias faz a el-rei.
11.º Que, sendo o réu proprietario da Revolução, se escreveu n'ella que o sr. visconde de Sá era como os larapios de Londres.
12.º Que, n'essa mesma situação, lambem os pés ao conde de Thomar, appoiou a nomeação

d'este para ministro plenipotenciario no Brazil, e declarou que estava então com os cabralistas como outr'ora estava com os setembristas; e por isso

- 13.º Que as verrinas que agora escreve contra o cabralismo não tem imputação alguma, porque, pela mesma razão, pode amanhã estar com elles como esteve hontem com a regeneração.
14.º Que apoiou as acclarações salamanquinas, o celeberrimo contracto Erlanger, o habitoa Vitali, e tuli quanti a colligação se lembrou de pôr em pratica, tendo-o por mentor.
15.º Que logo que se reconciliou com o partido historico a primeira gentileza que praticou foi apelar o marquez de Loulé da dignidade de grã-mestre da maçonaria, e propor-se candidato áquelle importante cargo; e por isso.
16.º Que isto importa uma nova traição feita a um cavalheiro no momento de se reconciliar com elle.
17.º Que na sua ultima eleição cometeu em Aveiro tropelias e indecencias, que o Portuguez castigou asperamente, chegando a asseverar que com o triumpho de tal candidatura tinham triumphado os moedeiros falsos.
18.º Que por essa occasião, segundo o testemunho do Portuguez, cometteu a indignidade de ameaçar alguns electores com uma denuncia, que depositou nas mãos do sub delegado de Vagos, e portanto.
19.º Que semelhante procedimento, só por si, basta para deshonrar eternamente o seu auctor.
20.º Que achando-se o réu á testa do chamado partido novo, a famosa delimitação dos campos politicos é obra da sua cabeça exaltada; e por isso tendo sido apodado de reaccionario o sr. Alves Martins, o réu, que delimitava os campos, acceitando humildemente a nomeação d'aquelle ecclesiastico para bispo de Vizeu, cometteu um acto de baixaza e servilismo que prova que a tal delimitação não passou de uma burla politica de occasião.
21.º Que, tendo por esta fórma soffrido um cheque, por isso que o governo não fez caso da tal delimitação, cometteu um acto de subserviencia pegando ao andar d'aquelles que o desfeitiaram.
22.º Que n'estes termos e nos de direito deve o réu ser condemnado no tribunal da opinião, infligindo-se-lhe o castigo do desprezo publico.
—Rol das testemunhas—
Todos os habitantes de Portugal.
Grandissimos canalhas!
José Estevão nunca recebeu remunerações por mais do que um emprego, como sempre foi lei n'este paiz. Nunca teve uma apostasia, nem uma volta face em toda a sua vida. Se combatia, ora historicos, ora regeneradores, é isso exactamente que demonstra a sua independencia e a sua coherencia. Nunca teve escravidões de partidos, nem nunca conheceu essa degradação que leva a calar todos os crimes e todas as infamias em nome da tal—disciplina partidaria. Combateu tudo que era mau e todos que peccaram. E esse é o maior merito que a historia lhe conhece.
José Estevão nunca pediu beneficios a ninguem. Sendo o primeiro cidadão d'este paiz morreu

pobre e afastado das cumiadas do poder. Nunca bajulou a realza. Pelo contrario, contrariou-a e deu-lhe para baixo todas as vezes que se lhe offereceu occasião. Nunca gyrou como satellite, que seria contra todas as leis do universo para um astro de tamanha grandeza, em volta d'insignificantes.
Entretanto havia em Aveiro meia duzia de malandros que oustavam dizer de José Estevão o que nunca ninguem disse do peor faccinora conhecido!

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

São compostos dos seguintes professores, na proxima epocha, os jurys dos exames de classe no Lyceu Nacional de Aveiro:

- Lingua e litteratura portugueza—Alexandre José da Fonseca, professor do lyceu de Aveiro; Francisco da Costa Junior, idem; Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, idem.
Lingua franceza—Alexandre José da Fonseca, professor do lyceu de Aveiro; Albino Dias Ladeira de Castro, idem; José Rodrigues Soares, idem.
Lingua latina—Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, professor do lyceu de Aveiro; Albino Dias Ladeira de Castro, idem; Francisco da Costa Junior, idem.
Mathematica elementar e physica, chimica e introdução á historia natural—João Braz de Oliveira, professor da Escola Naval; Elias Fernandes Pereira, professor do lyceu de Aveiro; Manuel Gonçalves de Figueiredo, idem.
Geographia e historia, e philosphia elementar—José Rodrigues Soares, professor do lyceu de Aveiro; Alexandre José da Fonseca, idem; José Maria Barbosa de Magalhães, idem.
Lingua ingleza—Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, professor do lyceu de Aveiro; José Rodrigues Soares, idem; Albino Dias Ladeira de Castro, idem.
Desenho—João Braz de Oliveira, professor da Escola Naval; Manuel Gonçalves de Figueiredo, professor do lyceu de Aveiro; João da Maia Romão, idem.

Está muito doente, com um novo ataque de paralyisia, a estremeçada mãe do nosso bom amigo, o sr. Domingos José dos Santos Leite.

Dezjamos as melhoras da virtuosa enferma.

Mais um repugnantissimo escandalo clerical, passado n'um convento. Leiam e admirem: Em Carcassone (França) corre nos tribunaes um inundo processo, em que figura, como primeiro personagem, um padre cujo nome não se encontra nos jornaes francezes, mas que é director d'um estabelecimento chamado religioso.

Eis o caso que motivou o processo: M. Parazols, vendilhão de refrescos, tomou ao seu serviço, ha uns quinze dias, uma rapariga por nome Bernardina. Esta creatura, de aspecto sombrio e preocupado, nunca mostrava os dentes. Um dia, finalmente, apertada por algumas companheiras, decidiu-se a revelar o que a trazia assim impressionada.

Contou que havia entrado na qualidade de noviça em um convento d'aquella região.

Nova e bonita, Bernardina não tardou a agradar ao padre director do estabelecimento, que começou por fazer-lhe certas propostas, que a noviça repelliu com indignação; uma noite, porém, aproveitando uma occasião em que se encontrou a sós com ella

o exemplar ministro da religião chegou ás ultimas com a rapariga.

As consequencias d'este odio attentado não se demoraram em apparecer nos olhos de todos: Bernardina achou-se grávida. O escandalo era imminente. Que fez então o bom do padre? Obrigou-a a tomar absintho, embriagou-a, e, com auxilio d'uma irmã da caridade, fê-la abortar. Os soffrimentos experimentados e a commoção cerebral foram de tal ordem, que Bernardina ficou algum tempo idiota.

Uns quinze dias depois, o padre deu-lhe algum dinheiro, e fê-la acompanhar á estação do caminho de ferro por duas religiosas, que lhe disseram: «Nunca mais ha de ter filhos. Aqui está dinheiro; parta e não diga nada a ninguem.»

Entregaram-lhe um bilhete para Carcassone, e não a deixaram senão depois de a verem dentro da carruagem.

Tendo ouvido esta narrativa, M. Parazols apresentou immediatamente a sua declaração á policia. Bernardina, que se achava moralmente e physicamente muito enferma, foi transportada ao hospicio.

Depois d'estes casos, cuja authenticidade não pôde ser posta em duvida, visto os depoimentos já escriptos no processo, não devem os paes de familia deixar de entregar suas filhas á bem dirigida educação, sobretudo no que respeita a moral, dos estabelecimentos das irmãs de caridade.

Assim é que é.

Parece que se pensa definitivamente na construcção d'um pequeno ramal de via ferrea que, partindo da estação d'esta cidade, venha terminar nas proximidades da fabrica de vidro, na estrada da Fonte Nova.

A' caridade publica

Continuámos a implorar a caridade das almas benfazejas para que socorram com uma esmola o operario Carlos Massarico, a fim de poder ir a Lisboa fazer operação aos olhos. É uma esmola bem empregada.

Table with 2 columns: Item, Amount. Transporte..... 3500, A. C..... 3500, Total 7000.

O governo da Republica Argentina propoz ao parlamento a suppressão dos conventos pela prohibição de votos religiosos.

ESPECTACULOS

Theatro Aveirense

DOMINGO 15 DE JULHO

Récita pela Troupe Dramatica Aveirense em beneficio do theatro

A 2.ª representação do drama em 3 actos O Veterano da Liberdade e o despropósito a proposito sem titulo.—A's 9 horas e 1 quarto.

O resto dos bilhetes encontra-se á venda na loja do sr. Antonio Cardoso d'Azevedo, á rua Direita.

Recebemos o primeiro numero da Gazeta dos Municipios, que acaba de encetar a sua publicação em Lisboa. É um semanario illustrado e historico, dedicado a assumptos municipaes.

Mil venturas.

Conta um collega do Porto que, desde que foi ouvir missa á capella do Padrão, desapareceu um dia d'estes a menor Maria Barbosa, moradora no largo da Formiga.

A familia da pequena suspeita que a tivessem levado para alguma d'essas santas casas do jesuitismo, onde, a par do serviço de toda a especie que obrigam as recolhidas a fazer, lhes vão incutin-

do no cerebro fragil as suas machavelicas doutrinas, fazendo-lhes conhecer quasi sempre cousas que á sua idade infantil convém ignorar.

É mais uma infeliz que cahiu no laço armado pelos negros salteadores!

Volta novamente á scena no proximo domingo O Veterano da Liberdade, que tão applaudido foi no nosso theatro no dia 29 do mez findo.

O producto d'esta récita deve reverter em favor do theatro.

Informam-nos de que já se acham marcados grande numero de lugares para este espectáculo, que terminará com um despropósito a proposito Sem titulo.

Não se descuidem, pois, em comprar bilhete os que quizerem ir ao theatro.

Contra a debilidade

Recommendámos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco, Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

Mais uma patifaria praticada por essas mulheres que, por escarneo, ali estão no hospital da Misericordia. Aquillo é que é caridade e o mais são historias.

Um dia d'estes, de manhã, foi accommettido por uma violentissima dôr de cólica um cabo de cavallaria. Conduzido immediatamente em maca ao hospital, as irmãs da caridade negaram-se a recolhel-o, apesar do estado grave em que o infeliz se achava e das supplicas dos camaradas que o conduziam. Nada commovia aquelles corações de marmore! As portas continuavam fechadas. De fórma que o pobre homem permaneceu estirado na maca, estorcendo-se d'um modo horrivel, durante longo tempo!

Final, parece que um membro da meza, a quem chegou a noticia do revoltante attentado, ordenou que o pobre militar entrasse immediatamente no hospital e só então é que as irmãs abriram as portas!

Isto parece incrível, mas é verdade. Já não é a primeira vez que aquellas santas creaturas tem praticado identicas deshumanidades para com outros infelizes.

É para que se veja a caridade das irmãsinhas, que em barbarismo estão muito acima do mais feroz inquisidor!

É os manas a esfalfarem-se em propalar para ahí que não ha gente mais caridosa!...

Que patifes e que manas!

A camara municipal de Oliveira de Azeiteis vai representar ao governo pedindo a construcção d'uma via ferrea que, partindo de Vizeu, passe por aquella villa a entroncar na linha do norte entre Estarreja e Ovar.

Com o n.º 78 entrou no segundo anno de publicação a Gazeta da Figueira, um dos jornaes mais bem redigidos de provincia e que se distingue pela imparcialidade com que trata todos os assumptos.

As nossas felicitações.

Eis o summario do numero 5 da Revista Popular de Conhecimentos Uteis:

A constituição da materia; O tigre; Letras e palavras; O reino dos archantis; Colombo e Vespuicio; A embriaguez; Os venenos; A lua; Modo pratico de empregar a cal para destruição das lesmas e caracoes; A abstracção; Velocidade das machinas; Amalgama para machinas electricas; Ensaio do leite; Resultados da exposição pecuaria; Uma raça que se extingue; Marinha mercante transformada em marinha de guerra; Movimento escolar; Os cães; Caminhos de ferro do Japão; Aconitina; Estabilidade das chaminés; Um signal inequivoco da morte; Soldaduras de metaes pela corrente electrica; Observação ácer-

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8:000\$000**.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença que nas provincias é de 1\$500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diário do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para negocio.

Pedidos ao **CAMBISTA**

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes **JAMES CASSELS & C.ª**, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de roupas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camisas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparellus, Utencilios e Implementos Domesticos, Agrícolas e Industriales.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE
TUBOS DE FERRO
zincados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUCHOC).



FOGÕES
CULINARIOS,
ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO
"AGATE"
Para serviços da cozinha
e meza, &c.

ARADOS.
Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS
Para Fructas e Lrogas.

E OUTROS
ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—**TUBBINA DE FERRO**—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accepta-se **ORDENS** para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, **HERBERT CASSELS**, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

Pomada Curativa Vegetal

RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais efficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cancro mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doenças de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, largo dos Trigueiros, 14, 2.º, Lisboa. Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e aprovado nos hospitales. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida. Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de **MOREIRA & C.ª** e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

ca do riso; Passagem em siphão do rio-Haine por baixo do rio Escalda; Chaminé de papel.

Accusámos a recepção das seguintes publicações, que muito agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas cores. Fasciculo n.º 21.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

—Historia da Revolução Portugueza de 1820, por José d'Arriaga.—Com a costumada regularidade, que muito recommenda os editores d'aquella excellente obra, sahio o fasciculo n.º 26, 4.º do volume III.

O brinde relativo ao 2.º volume será distribuido com o proximo fasciculo.

—A Illustração Portugueza, revista litteraria e artistica. N.º 49, do quarto anno.—Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

—As Doidas em Pariz, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas cores. Segunda edição. Caderneta n.º 34.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

—Revista de Medicina Dosimetrica, publicação mensal. N.º 7, do 9.º anno.—Assigna-se na pharmacia J. B. Birra, Loyos, 36, Porto.

COMMUNICADOS

Conta que o procurador encartado, Sertorio Augusto Sequeira Corte Real, com escriptorio na travessa de S. Nicolau n.º 23, em Lisboa, fez a um seu cliente

(Conclusão)

Ficou-se em duvida qual das contas seria a verdadeira, se esta se a primeira. Agora vamos ver a conta que o executado pagou:

Sello da procuração.....	\$085
Ditos de 2 publicas-fôrmas....	\$170
Dito do requerimento para acção	\$170
Importancia de cópias, citação e acção.....	3\$105
Conta, sentença e chancellaria.	5\$250
Sello do requerimento para execução.....	\$085
Distribuição.....	\$150
Sello da publica-fôrma da procuração.....	\$085
Preparo.....	2\$500
Importancia da citação.....	1\$650
Assignatura do mandado de penhora.....	\$100
Sello do requerimento.....	\$085
Penhora (que se não fez).....	2\$700
Sello do requerimento.....	\$085
Contas e custas.....	4\$400
Somma.....	20\$620

Ora esta conta foi a paga pelo executado; como é que tanto na conta do executado como na do executante ha verbas pagas pelos dois? e vamos ver:

Penhora (que se não fez).....	2\$700
Importancia da citação.....	1\$650
Custas.....	4\$400
Assignatura do mandado de penhora.....	\$100
Somma.....	8\$850

Como é que esta quantia foi paga duas vezes?

Além d'isso, como é que na 1.ª conta este sr. procurador mette 6\$000 réis da sua agencia, e na 2.ª 15\$000 réis?

Ora, pois, deve portanto este honrado procurador ao seu cliente a quantia de 20\$700, que talvez por esquecimento ou engano deixou d'entregar; que vem a ser 8\$850, que foram pagos pela parte executada, e portanto não podiam ser tambem pagos pelo executante, 2\$950 que elle diz na 2.ª conta terem sido lançados a mais pelo escrivão, por engano, e que não mandou entregar, e 9\$000 réis, excesso de agencia da 2.ª conta para a 1.ª, que prefazem estas 3 verbas a quantia de 20\$700 réis, que se pede ao sr. Sertorio Augusto Sequeira Corte Real, sollicitador encartado, mande entregar a seu dono. Todas as contas d'este sr. sollicitador estão archivadas, e vão ser entregues á imprensa para mais facilmente poderem ser avaliadas, como na realidade merecem.

Ahi ficam frisados todos os factos passados com este sr. procurador. O publico que faça os commentarios que entender; no emtanto deseja-se receber a quantia de 20\$700 réis de que o tal cliente está desembolsado.

Sem tempo para nos assignarmos De v., etc., Antonio Baptista Lobo.